



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: Ordem patriarcal de gênero e relações sociais de sexo

Precursoras do ecofeminismo

Latif Antonia Cassab¹
Sara Isabela da Silva²

Resumo

O trabalho apresentado, refere-se a uma pesquisa da iniciação científica, com o objetivo de conhecermos quais foram as pensadoras que constituíram a tendência do ecofeminismo, suas trajetórias intelectuais, no contexto dos movimentos feministas, do séc. XX, décadas de 60 a 80. O estudo, de natureza qualitativa, se desenvolve através do suporte bibliográfico. O termo ecofeminismo tem sua origem com a escritora francesa Françoise D'Éaubonne (1920-2005), em seu ensaio literário: "*Le féminisme ou la mort*", publicado em 1974 – nesta obra, D'Éaubonne sugere que as mulheres, assim como a natureza, são dominadas pelo patriarcado. Pretendemos que a produção dos conhecimentos contribua com os estudos sobre ecofeminismo, evidenciando a importância de suas pioneiras.

Palavras-chave: mulheres; meio ambiente; ecofeminismo.

Abstract

*The presented work refers to an undergraduate research project (Scientific Initiation) aimed at identifying the thinkers who established the ecofeminism trend, along with their intellectual trajectories within the context of 20th-century feminist movements, specifically from the 1960s to the 1980s. This qualitative study is developed through a bibliographic review. The term ecofeminism originated with French writer Françoise D'Éaubonne (1920-2005) in her essay: "*Le féminisme ou la mort*" (Feminism or Death), published in 1974 – in this work, D'Éaubonne suggests that women, as well as nature, are dominated by patriarchy. We intend for this knowledge production to contribute to ecofeminist studies by highlighting the importance of its pioneers.*

Keywords: women; environment; ecofeminism.

1 Latif. A. Cassab, Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, docente, pós-doutorado, latif_cassab@yahoo.com.br

2 Sara Isabela da Silva, Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, estudante terceiroanista do Curso de Serviço Social, saraisabela444@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

“Essa estrutura se criou, cresceu e se mantém através da colonização da mulher, de populações originárias e suas terras e da natureza, que é gradualmente destruída”
Veronika Bennholdt-Thomsen; Maria Mies

O estudo em questão, relata a proposta de uma pesquisa de iniciação científica, UNESPAR, ciclo 2025-2026), buscando conhecer quem são as mulheres que contribuíram para o surgimento do ecofeminismo – sua origem no contexto dos movimentos feministas internacionais. O ecofeminismo alude a um movimento social recente, pouco difundido entre a teoria e prática social e atravessado por várias críticas, dúvidas e anuências.

O desenvolvimento investigativo iniciou-se através do seguinte problema: “Quais foram as pioneiras do ecofeminismos e, como tal corrente se vincula ao meio ambiente e a sustentabilidade ambiental?”

De natureza qualitativa, a investigação se pautou na pesquisa bibliográfica, a qual segundo Lakatos e Marconi (1992, p. 44) “permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, [...] pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica.” Constituindo-se assim, por seleção, escolha e manipulação de materiais, principalmente livros, artigos, dissertações, teses, entre outros, seja na forma impressa ou digital.

Uma das principais características da pesquisa bibliográfica consiste em possibilitar ao pesquisador um suporte teórico amplo e consistente do conhecimento que se busca. Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de conhecimentos e informações, além de permitir a utilização de conceitos, noções dispersas em inúmeras publicações, contribuindo, ainda, para a construção ou melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto. (Gil, 2008). Nesse fazer, a leitura apresenta-se como a principal instrumento, pois é através dessa que se pode identificar os conhecimentos e informações contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre esses, no sentido de conhecer e analisar a sua consistência teórica.

Nos estudos do ecofeminismo diferentes áreas do conhecimento podem ser associadas ao seu campo teórico e prático, sendo fundamentais as categoriais: mulheres, meio ambiente ³ e animais, em suas abordagens.

A partir de contextos distintos de dominação, opressão e exploração, aliadas às respectivas categorias supracitadas é possível argumentar que o ecofeminismo pode ser compreendido no plural, ou seja, como ecofeminismos, com diferentes matizes. Neste sentido, a pluralidade do ecofeminismo remete às questões interdisciplinares, além dos conhecimentos teóricos/acadêmicos situados em determinadas realidades e contextos sociais.

3 A denominada Lei da Política Nacional do Meio Ambiente de n.º 6.938/1981, em seu Art. 3º, I, conceituou meio ambiente como “[...] o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abrigar e reger a vida em todas as suas formas”. (Brasil, 1981).



2 DESENVOLVIMENTO

“O ódio às mulheres e o ódio à natureza estão intimamente ligados e se reforçam mutuamente.”
Ynestra King

Ao longo do tempo, as raízes do patriarcado ⁴ e do machismo moldaram sociedades que negavam às mulheres o direito à voz coletiva, relegando-as ao isolamento do lar e às responsabilidades domésticas. Essa segregação, que visava apagar o protagonismo feminino, acabou por despertar um profundo sentimento de revolta. O que era silêncio transformou-se em rebeldia, impulsionando a luta das mulheres para retomar seu lugar de direito na história. Segundo Méndez (2005, p. 51),

[...] o “discurso feminista” surge a partir da tomada de consciência de uma opressão específica que atinge as mulheres, articulada por um discurso misógeno com base na ciência, na lei, nos costumes, na religião e nas relações sociais de produção. Para se contraporem, as mulheres passaram a elaborar um discurso político próprio e a se identificar enquanto grupo social com identidade própria: as feministas.

Desse modo, tradicionalmente, o século XVIII registra a organização de mulheres com o intuito de lutarem contra as desigualdades baseadas nas diferenças entre os sexos, tanto na Europa, bem como em outras partes do mundo. ⁵ Porém, é a partir do século XIX que passam a se organizar efetivamente como movimento feminista, constituindo-se, até os dias atuais, por várias tendências e/ou ondas. ⁶

Importante ponderar que o feminismo sempre considerou as pautas e as reivindicações do contexto social do período em que se inseria, além do vínculo ao processo de implantação e consolidação do sistema capitalista. Essas constatações são importantes para compreendermos a aproximação do movimento feminista com as lutas ecológicas realizadas décadas mais tarde.

Ao longo desse processo histórico, as pautas dos movimentos feministas convergiram para a questão socioambiental, dando origem ao ecofeminismo. Essa vertente sustenta que a lógica de dominação patriarcal que submete as mulheres é a mesma que explora predatoriamente o meio ambiente, tornando a preservação da natureza uma bandeira indissociável da emancipação feminina.

4 “o patriarcado pode ser entendido, como sugere Silvia Federici, como um sistema socioepistêmico de exploração que naturaliza hierarquias e sustenta relações de poder assimétricas, operando em conjunto, na modernidade, com o capitalismo e o colonialismo. Se a crise climática está enraizada nessas estruturas históricas de exploração, não seria o patriarcado, assim como o capitalismo, um “inimigo comum” dos movimentos feministas e ambientais?” (De Carli, 2025).

5 Segundo a entidade Citaliarestauro.com, em matéria publicada (s.d.), afirma que desde os séculos XVI e XVII, algumas mulheres, individualmente, questionaram a estrutura estabelecida para homens e mulheres, e que através dos seus escritos, impulsionaram o movimento coletivo que deu forma durante os séculos XVIII e XIX, ao feminismo. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/as-primeiras-vozes-feministas/> Acesso em: 10 jan. 2026.

6 Para Duarte (2015, p. 45), a classificação temporal do movimento feminista não é algo unânime entre os historiadores. Quase sempre, se define como primeira onda, o movimento feminista surgido no final do século XIX e início do XX, reivindicando direitos políticos, educação e trabalho remunerado para as mulheres. Por segunda onda, o movimento se origina em torno de 1960, incorporando as reivindicações referentes à sexualidade, ao corpo, ao fim da divisão sexual do trabalho, entre muitas outras. Todavia, há estudiosos que citam uma terceira onda, e até mesmo uma quarta onda.



Após a bem sucedida “primeira onda” do movimento feminista, que lutou e conquistou o sufrágio universal, e a “segunda onda” que apresenta como bandeira central a luta pela autonomia sexual e reprodutiva das mulheres, muitos afirmam que está-se diante da “terceira onda” através da qual, entre outras, aliado à luta pela igualdade entre os gêneros está a preocupação com a sobrevivência da espécie e o fim da exploração da natureza. Para outros, todavia, a segunda onda ainda não terminou. (Duarte, 2015, p. 45).

Os primeiros movimentos, conectando o meio ambiente e educação ambiental – o ambientalismo e o feminismo – surgem em 1960, na Europa e Estados Unidos. Entretanto, a expressão “ecofeminismo” tem sua origem em um ensaio literário intitulado “*Le féminisme ou la mort*”, lançado em 1974, por Françoise D’Éaubonne (1920-2005), sugerindo que assim como as mulheres, a natureza encontra-se sob o domínio do patriarcado, o qual se apropria da fecundidade da mulher e da fertilidade da natureza. Em outros termos, D’Éaubonne relata que historicamente o ser humano sempre concebeu o meio ambiente como algo que pode e deve ser dominado, qualificando a natureza como produtora de recursos que são quantificados e valorados, no sentido de manter indefinidamente o sistema de produção em grande escala; bem como, a permanência das mulheres, por tempo indeterminado, no papel materno e doméstico na sociedade, sendo que tais situações impostas às mulheres são colocadas unicamente por fatores biológicos/naturais, considerando-as como inferiores e, conseqüentemente, desvalorizadas, remetendo-as, dessa forma, às condições de subordinação. (Duarte, 2015).

Conseqüentemente, em decorrência de seu vínculo antroppo-cultural, de zelar pelo ambiente familiar, cuidar do espaço doméstico, a figura da mulher manteve-se associada à própria natureza e à mãe terra. O ecofeminismo afirma que há uma sujeição do feminino e do meio ambiente aos homens, considerando que ambos são expostos à condição de subordinação, opressão e exploração. Para Maria Mies e Vandana Shiva (2021), o sistema capitalista encontrou no patriarcado um aliado fundamental, reproduzindo hierarquias que vinculam a subordinação das mulheres à degradação dos ecossistemas.

Seus princípios baseiam-se na superação de hierarquias dominantes, na valorização da ética do cuidado, na interdependência entre todos os seres e a necessidade de modelos econômicos sustentáveis em prol da satisfação das necessidades coletivas contrárias ao crescimento ilimitado e predatório.

Em seu movimento, inúmeras são as definições e ações ecofeministas, algumas mais radicais, outras mais flexíveis, mas em todas há a união do movimento feminista com o movimento ecológico, a articulação entre ações de luta por direitos iguais entre homens e mulheres e ações em defesa da sustentabilidade do meio ambiente. Se faz significativo destacarmos que muitas mulheres, ao defenderem a natureza e seu desenvolvimento sustentável, encontram melhores condições de vida para família e comunidade a que pertencem; demonstrando sua capacidade, competência, força e coragem para obter liderança e conquistas em sociedades opressoras, discriminadoras e violentas. (Alencar; Pedro, 2021).



Atualmente, o ecofeminismo pode ser considerado com múltiplas abordagens, explicando os vínculos históricos “entre o capitalismo neoliberal, o mito do progresso moderno, a violência contra as mulheres, o extrativismo, as mudanças climáticas, entre outros”. (Talarico,2024).

Destarte, podemos afirmar que ecofeministas declaradas ou não, são as mulheres que têm se posicionado à frente da defesa e preservação do meio ambiente, “desde aquelas que trabalham e lutam no seu bairro, comunidade, tribo, no emprego, até mesmo as que já se encontram no alto escalão de empresas, de órgãos governamentais e na liderança de organismos não governamentais.” (Alencar; Pedro, 2021, p. 3).

O estudo das pioneiras do ecofeminismo permite um aprofundamento sob uma nova ótica: a valorização dos vínculos estabelecidos por mulheres e o enfrentamento das múltiplas formas de violência. Essa perspectiva ressalta o protagonismo feminino na defesa intransigente do meio ambiente e na promoção de uma sustentabilidade que integra justiça social e equilíbrio ecológico.

3 RESULTADOS

Em uma retrospectiva histórica, vamos discorrer acerca das pioneiras que, entre as décadas de 1960 a 1980, fundamentaram as bases teóricas e práticas do ecofeminismo.

Figura 1 – Rachel Carson



Na década de 60, a designação de 'ecofeminismo' não tinha sido cunhada, mas o develar de sementes prenunciava a crítica à ciência moderna e ao impacto destrutivo do desenvolvimento industrial. Nesse cenário desponta Rachel Carso (1907–1964).

.Fonte: Barnes (2021).

Bióloga marinha, escritora, cientista e ecologista norte-americana é reconhecida como a madrinha do ecofeminismo. Entre inúmeras publicações denunciando a destruição do meio ambiente, destacamos a publicação do livro “Primavera silenciosa”, em 1962.

Carson também discute as causas antropogênicas das mudanças climáticas, antecipando muitas discussões científicas sobre a intervenção humana. Primeiramente, ela questiona a exploração marítima da humanidade nas narrativas históricas, observando: “A América não foi descoberta por Colombo”. Em outros cartões, Carson contempla o impacto da colonização europeia sobre a fauna e os povos indígenas. (Barnes, 2021).

Nesse período o próprio termo ecofeminismo não havia sido lançado, entretanto a ativista buscou lucidar a sociedade sobre a importância do movimento ecológico e o enfrentamento de questões de exploração e destruição do mesmo. “Neste livro, a bióloga faz crítica ao uso de pesticidas sintéticos e seus potenciais efeitos negativos de longo prazo, sobre os seres vivos e, entre eles, o ser humano.” (Jesus, s.d).



Nos anos 70, é cunhado o termo ecofeminismo, nessa fase, o movimento nasce do ativismo antinuclear, pacifista e vinculado a segunda onda do feminismo.

Em 1974, a escritora francesa Françoise d'Eaubonne (1920–2005), pioneira intelectual

Figura 2 – Françoise d'Eaubonne

e política, antirracista e aliada do movimento LGBT, publica a obra “Le Féminisme ou la Mort.”, firmando o termo “écoféminisme” e alegando que a luta pelos direitos das mulheres relaciona-se com as reivindicações por um planeta mais sustentável. “Naquele momento, d'Eaubonne defendia questões como o direito ao controle de natalidade, argumentando que a superpopulação do planeta que já começava a ameaçar o meio ambiente era fruto da insistência do patriarcado em controlar os corpos das mulheres.” (Folter, 2020).



Fonte: Stamm (2024).

Ainda, no contexto dos anos 70, a influente pensadora estadunidense Susan Griffin (1943–2025), filósofa, ensaísta e dramaturga feminista radical, conhecida particularmente por suas obras ecofeministas inovadoras, publica em 1978 o livro *Woman and nature: the roring inside her* (Mulher e natureza: o rugido interior dela). Expoente do ecofeminismo em seu país, Griffin utiliza uma prosa poética para traçar um paralelo histórico entre a objetificação do corpo feminino e a exploração da natureza pelo pensamento ocidental; obra fundamental que analisa como a cultura patriarcal ocidental faz uso da ciência e da linguagem para subjugar as mulheres e a natureza, tratando ambas como recursos a serem abusados.

Outrosim, em 1973, ocorre na Índia, o Movimento *Chipko*, referencia do ecofeminismo em ação.

Figura 3 – Movimento *Chipko*



Fonte: Petruzzello (2025).

O Movimento Chipko se constituiu em uma iniciativa social e ecológica pacífica na Índia, em 1973. Liderado por moradores rurais, principalmente mulheres. Seu objetivo foi proteger árvores e florestas destinadas à exploração madeireira, com apoio do governo à época. Originou-se na região do Himalaia de Uttarakhand e rapidamente se ampliou por todo o Himalaia indiano. A palavra “hindi chipko” significa “abraçar” ou “agarrar-se a” em hindi, e remete à principal tática de seus manifestantes, ou seja, o de abraçar as árvores para impedir os madeireiros de cortá-las.



Os anos 80 marcam a consolidação e a crítica ao racionalismo e à ciência moderna. Uma década efervescendo para o movimento do ecofeminismo, com inúmeras iniciativas promovendo o enfrentamento e a luta pelo direito das mulheres e à natureza.

Nesse cenário, sublinhamos, inicialmente, as muitas conferências realizadas, como:

Women and Life on Earth: A Conference on Eco-Feminism in the '80s (Março de 1980): Realizada na Universidade de Massachusetts em Amherst, EUA, esta é considerada a primeira grande conferência ecofeminista. Reuniu cerca de 600 mulheres para examinar as conexões entre militarismo, saúde, ecologia e feminismo, impulsionada pelo desastre nuclear de Three Mile Island.

Women's Pentagon Action (Novembro de 1980): Embora tenha sido uma ação direta (protesto) e não um congresso acadêmico, surgiu diretamente da conferência de Amherst. Cerca de 2.000 mulheres cercaram o Pentágono em Arlington, Virgínia, para protestar contra armas nucleares e a destruição ambiental, consolidando o ativismo ecofeminista na prática.

First West Coast Ecofeminist Conference (1981): Realizada na Sonoma State University, na Califórnia. Atraiu 500 mulheres e incluiu falas de figuras como Angela Davis, focando em energia alternativa, saúde e "no nukes" (contra energia nuclear). Conferência da "Women For Life On Earth" em Londres (1981): Inspirada na conferência de Amherst, esta reunião internacional fortaleceu o movimento na Europa, unindo teóricas e ativistas.

Ecofeminist Perspectives: Culture, Nature, Theory (1987): Um encontro focado no desenvolvimento teórico do ecofeminismo no final da década, consolidando as bases conceituais sobre cultura e natureza. (Registros de mulheres e vida na Terra, s.d.).

Dos eventos supracitados, se faz importante destacar *Women and life on earth*, ocorrido em março de 1980, em *Amherst*, cenário que lançou as bases do ecofeminismo norte-americano. Sob a organização de Ynestra King e diversas lideranças ativistas, o encontro articulou os movimentos antinuclear e ambiental ao feminismo, analisando como a opressão das mulheres e a exploração da natureza estão profundamente interconectadas.

Figura 4 – Ynestra King



O legado de Ynestra King, expoente do Institute for Social Ecology, para o ecofeminismo o redefiniu no contexto da 'terceira onda' das lutas das mulheres nos EUA. Ao conectar teoria e prática em ensaios como *The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology*, demonstrou que a dominação social e a degradação ambiental são situações inseparáveis, originadas na hierarquia de gênero que molda a nossa sociedade.

Fonte: AZ Pensadoras (2025).

Ainda na década de 80, dois grandes desastres internacionais, relacionando a sociedade e o meio ambiente, embasaram os discursos ecofeministas. Através do quadro abaixo, ilustramos os dois principais acontecimentos:

Tabela 1 – Desastres dos anos 80 e o ecofeminismo

Aspecto	Bhopal, Índia (1984)	Chernobyl, Ucrânia (1986)
Tipo de Desastre	Vazamento de gás tóxico (isocianato de metila) de uma fábrica de agrotóxicos da Union Carbide.	Explosão nuclear e liberação massiva de radiação na atmosfera.
Grupos Mobilizados	Bhopali Gas Peedit Mahila Udyog Sangathan (BGPMUS) e mulheres de comunidades	Grupos pacifistas e antinucleares europeus, como o Women For Life On Earth.



	loais.	
Foco da Pauta	Justiça corporativa, saúde reprodutiva das sobreviventes e acesso a água limpa.	Crítica à ciência "patriarcal" e ao perigo existencial da energia nuclear para o planeta.
Lideranças/Vozes	Rashida Bee e Champa Devi Shukla, que lideraram marchas até Nova Déli por reparação.	Teóricas como Ynestra Kinge ativistas de acampamentos pela paz como o deGreenham Common.
Legado para o Movimento	Fortaleceu o Ecofeminismo do Sul, focado na sobrevivência, direitos territoriais e contra o colonialismo industrial.	Consolidou o Ecofeminismo Pacifista, ligando a preservação da vida ao desarmamento e à segurança global.
Fonte: Google, 2024.		

Para o ecofeminismo, esses eventos não foram acidentes isolados, mas provas de que a lógica patriarcal-capitalista sacrifica a vida em nome do progresso. A tragédia em Bhopal revelou o descaso corporativo com as populações periféricas; já o desastre de Chernobyl mostrou que o perigo nuclear é uma ameaça universal, forjando uma aliança inédita entre mulheres de diferentes origens em torno da defesa da saúde e da segurança ambiental. (Villa, 2014; World Nuclear Association, 2026). A partir de tal premissa é preciso destacar que tais congressos foram catalisadores para o ecofeminismo, transformando a "natureza" de um objeto passivo em um sujeito político, unindo a preservação ecológica à emancipação feminina.

Com relação a expoentes do ecofeminismo, destacamos, também para a década de 80, a historiadora da Ciência e filósofa Carolyn Merchant (1936-2023), ressaltando a publicação *The Death of Nature* (A morte da natureza). O livro relata o quanto a revolução científica transformou a Terra de um "organismo vivo" em uma "máquina" a ser explorada.

A autora identifica a revolução científica e o Iluminismo examinando os pensadores da Idade Média ao século XVII, como o marco em que a ciência substituiu a metáfora da "mãe terra" pela metáfora do "relógio", permitindo a atomização do meio ambiente, isolando-o em partes, seja para estudá-lo como manipulá-lo; a objetificação para dissecar o mundo natural, consolidando uma visão da natureza como matéria inerte e desprovida de vida própria e, ainda, traçando um comparativo entre o domínio da natureza e a opressão das mulheres. Suas investigações tornaram-se pilares fundamentais para a consolidação da história ambiental e da história da ciência, ao revelar as raízes ideológicas da exploração ecológica moderna.

Figura 5 – Carolyn Merchant



A Terra feminina era central para a cosmologia orgânica, que foi minada pela Revolução Científica e pela ascensão de uma cultura orientada para o mercado para os europeus do século XVI, a metáfora fundamental que unia o eu, a sociedade e o cosmos era a de um organismo [...] a teoria organicista enfatizava a interdependência entre as partes do corpo humano, a subordinação do indivíduo a propósitos comunitários na família, na comunidade e no Estado, e a vida vital permeando o cosmos até a pedra mais humilde. (Merchant, 1980, p. 278).

Fonte: UC Berkeley (s/d.).

Outras realizações de ações, embasadas no ecofeminismo são engendradas nessa década. Para ilustrarmos citamos o movimento *Women's Pentagon Action*, a organização *Green Belt*, no Quênia e, pelo *Love Canal*, no norte do Estado de Nova



torque, entre outros.

Figura 6 – Women,'s Pentagon Action



Figura 7 – Green Belt



Fonte: Brenner (2016).

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CihbYvHoQKu/>

Figura 8 – Love Canal



Fonte: Enciclopédia Britânica (2025).

Para além da luta por direitos, é importante destacar que o ecofeminismo propõe uma mudança profunda de valores. Ele resgata a visão da natureza como um organismo vivo e sagrado, substituindo o lucro pelo cuidado como o centro da economia. Esse movimento é impulsionado pelo protagonismo feminino, rural e indígena, substituindo a lógica da exploração por práticas fundamentadas na cooperação e na regeneração da vida.

4 CONCLUSÃO

Entre as décadas de 1970 e 1980, o ecofeminismo emergiu como um movimento que unificou lutas de gênero e ecologia. Seu principal objetivo foi expor o sistema patriarcal-capitalista como a matriz da exploração tanto das mulheres quanto do meio ambiente. Promovendo ações diretas e de fortalecimento de comunidades, o movimento desafiou as estruturas de poder ao propor uma nova ética para a relação entre o ser humano e a natureza.

Finalizamos enfatizando a intensa crítica realizada pelo ecofeminismo aos modelos de desenvolvimento vigentes, destacando que sua contribuição reside em um sistema social equânime, entre homens e mulheres, bem como, a necessária preservação ambiental.



5 REFERENCIAS

ALENCAR, Ana; PEDRO, Antonio Fernando Pinheiro. Ecofeminismo. **Portal Ambiente Legal**, 08 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ambientelegal.com.br/ecofeminismo/> Acesso em: 12 jan. 2026.

AZ DE PENSADORES. **Ynestra King**. Disponível em: <https://orgrad.wordpress.com/a-z-of-thinkers/> Acesso em: 15 dez. 2025.

BARNES, Claire. **Uma das primeiras defensoras do clima**: fichas de anotações nos documentos de Rachel Carson. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://beinecke.library.yale.edu/article/early-climate-advocate-notecards-rachel-carson-papers> Acesso em: 23 nov. 2025.

BENNHOLDT-THOMSEN, Veronika; MIES, Maria. **The Subsistence perspective**: Beyond the globalised economy [A perspectiva da subsistência: além da economia globalizada], Londres: Zed Books, 1999.

BRENNER, Johanna. **Para além do essencialismo**: teoria e estratégia feministas no movimento pela paz, 8 dez. 2016. Disponível em: <https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/2999-beyond-essentialism-feminist-theory-and-strategy-in-the-peace-movement?srsId=AfmBOor6nzBpVP-n2Fm2GdIMXraLI4pLbQokJnOD6wUWePINV97U6XEf#:~:text=Radical%20feminist%20theory%20has%20argued,mandated%20responsibility%20for%20raising%20children>. Acesso em: 20 out. 2025.

DE CARLI, Anelise. **Ecofeminismo**: um aceno filosófico à crise climática. Coluna da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), 17 mar. 2025. Disponível em: <https://anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/especial-8m--ecofeminismo-um-aceno-filosofico-a-crise-climatica> Acesso em 15 out. 2025.

DUARTE, Raquel Cristina Pereira. **O ecofeminismo e a luta pela igualdade de gênero**: uma análise à luz da teoria bidimensional da justiça. 2015. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Direito) – Universidade de Caxias do Sul, 2015.

EDITORES DA BRITANNICA. "Love Canal". **Enciclopédia Britânica**, 22 de julho de 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Love-Canal>. Acesso em: 01 fev 2026.

FOLTER, Regiane. **Ecofeminismo**: você sabe o que é? 23 jan. 2020. Disponível em:



<https://www.politize.com.br/o-que-e-ecofeminismo/#:~:text=Nos%20anos%2070%2C%20a%20feminista,por%20um%20mundo%20mais%20sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 20 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE. **Gemini** (versão 1.5 Pro). [Software de inteligência artificial]. 24 maio 2024.

Disponível em: <https://gemini.google.com> Acesso em: 05 jan. 2026.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O que é Ecofeminismo?** Elo Mulheres em REDE. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/330593431/O-QUE-E-ECOFEMINISMO#:~:text=Material%20produzido%20para%20o%20Elo%20Mulheres%20da,%3E%20Finance%20&%20Money%20Management%20%3E%20Economics> Acesso em: 15 jan. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Atlas S.A., 1990. P.74-81.

LIMA, Telma C. Sasso de; MIOTO, Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Revista Mulher e Trabalho**: as mulheres no mundo do trabalho (parte II). v. 5. Fundação de Economia e Estatística, RS, p.51-53, 2005. p. 51.

MERCHANT, Carolyn. **A morte da natureza**: mulheres, ecologia e a revolução científica. São Paulo: Expressão Popular Ltda, 1980. P. 278.

MIES, Maria; SHIVA. Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

MOSCHKOVICH, Marília. Machismo: a opressão primeira. **Outras palavras**, 18 mar.2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/machismo-a-opressao-primeira/> Acesso em: 19 out. 2023.

PETRUZZELLO, Melissa. "Movimento Chipko". **Enciclopédia Britânica** , 6 fev. 2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Chipko-movement>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2026.

PRESTES, Ana. **A formação patriarcal do Brasil**. Disponível em:



<https://aspensadoras.com.br/2023/02/27/historia-do-patriarcado-no-brasil-e-tema-de-disciplina-da-escola-as-pensadoras/?v=8c91462d287d#:~:text=O%20patriarcado%2C%20portanto%2C%20%E2%80%93%20e,e%20todas%20voltam%20para%20ele> Acesso em: jul. 2025.

REGISTROS DE MULHERES E VIDA NA TERRA. Coleção Sophia Smith, SSC-MS-00132, **Coleções Especiais do Smith College**. Northampton, Massachusetts. Disponível em: <https://findingaids.smith.edu/repositories/2/resources/770> Acessado em: 26 de fevereiro de 2026.

STAMM, Gina. “**Má (Eco)Feminista?**” O legado complexo de Françoise d'Eaubonne na teatralidade e na ficção científica, 24 out. 2024. Disponível em: <https://imaging-climate.clas.ufl.edu/news/2024/bad-eco-feminist/> Acesso em: 25 nov. 2025.

TALARICO, Giulia Costanzo. O ecofeminismo numa perspectiva ecossocial. **El Salto**, 13 jul. 2024. Trad. Cepat. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/641710-o-ecofeminismo-> Acesso em: 15 out. 2025.

UC BERKELEY. **Carolyn Merchant**. Disponível em: <https://cstms.berkeley.edu/people/carolyn-merchant> Acesso em: 20 nov. 2025.

VILLA, Lucía. **Bhopal**, a 30 anos de um crime corporativo impune. 04 dez. 2014. Disponível em: <https://mst.org.br/2014/12/04/bhopal-a-30-anos-de-um-crime-corporativo-impune/#:~:text=Bhopal%2C%20a%2030%20anos%20de%20um%20crime%20corporativo%20impune%20%2D%20MST> Acesso em: 21 dez. 2025.

WORLD NUCLEAR ASSOCIATION. **Acidente de Chernobyl em 1986**. Disponível em: <https://world-nuclear.org/information-library/safety-and-security/safety-of-plants/chernobyl-accident#:~:text=Immediate%20impact%20of%20the%20Chernobyl,air%20for%20about%2010%20days>. Acesso em: 18 dez. 2025.

WORLD RAINFOREST MOVEMENT. Aprendizagens do movimento Chipko na Índia: uma luta pelo feminismo e pela ecologia. **Boletim WRM 211**, 11 mar. 2015. Disponível em: <https://www.wrm.org.uy/pt/artigos-do-boletim/aprendizagens-do-movimento-chipko-na-india-uma-luta-pelo-feminismo-e-pela-ecologia> Acesso em: 13 nov. 2025.